

Semiótica no planalto: I Conferência Brasiliense de Semiótica

IRENE MACHADO

Brasília não é apenas uma cidade que já despertou diferentes interpretações semióticas desde sua inauguração. Lá também floresceu uma investigação que tem mantido a persistência no estudo e consolidação da semiótica como disciplina no campo das artes, da literatura, da comunicação.

Além das publicações, a exemplo da revista eletrônica *Teia*, o grupo que assumiu a retomada dos estudos de semiótica no planalto partiu esse ano para a realização de seu primeiro evento científico. Entre os dias 05 e 07 de julho a Associação Brasiliense de Comunicação e Semiótica — em parceria com o Instituto de Artes da Universidade de Brasília e com apoio de diversas instituições de ensino locais — realizou a I Conferência Brasiliense de Semiótica, contando com a participação de estudiosos da linguagem, seja na perspectiva das artes seja no vasto campo da comunicação. Tudo isso graças à persistência e coragem de Eufrazio Prates e de Luiz Carlos lasbeck. Há cinco anos esses dois semioticistas atuam na diretoria da associação para garantir a disseminação do debate semiótico. A contar pelas discussões e adesões que acontecem nos grupos de discussão da ABSB, o trabalho de Prates, lasbeck e evidentemente de seus colegas já assumiu o perfil de uma verdadeira prática militante que não hesita em noticiar eventos nacionais e internacionais, incentivar a participação, apresentar trabalhos e cobrir os eventos como, por exemplo, as valiosas sínteses que Eufrazio Prates já realizou dos congressos de semiótica de La Coruña e Dresden (2000), do V Congresso Brasileiro (2001). Já estava na hora de a entidade vir a público e compartilhar com os demais pesquisadores os trabalhos que vem desenvolvendo.

A coerência na condução dos trabalhos compareceu também na definição do tipo de evento. Nas palavras do presidente do encontro, Eufrasio Prates, a opção pelo formato *conferência* foi feita em função da necessidade de “conferir” o estágio das pesquisas após os cinco anos de existência da ABSB. Se conferir é uma forma de aferir o nível das atividades, nada melhor do que uma conferência para passar em revista temas e problemas afetos aos estudos semióticos. Em defesa da “semiodiversidade”, Brasília se mostrou também integrada com a Semiótica praticada fora do Distrito Federal, com a presença de convidados dos EUA, França, São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe, Goiás e Roraima.

O encontro — iniciado com a apresentação do excerto dramático “O Fio de Ariadne” dirigido por Antonio Fábio (Ovo Teatro & Afins) — reuniu, prioritariamente, pesquisadores da comunicação, das artes e da literatura, cumprindo a intenção original de cruzar pontos de vista e abordagens para que o caráter inter-multi-transdisciplinar da semiótica pudesse ser explicitado. Na convocatória da Conferência se questionava:

“Como os diversos campos do saber, acadêmicos ou não, se puderam apropriar e ser apropriados por essa ciência-teoria-método? Que obstáculos e dificuldades - técnicos, econômicos, acadêmicos, políticos — permeiam o cotidiano do pesquisador semioticista? Que facilidades, em compensação, oferece a Semiótica? Qual o papel da Universidade e das Agências de fomento nesse contexto?”

Com essas perguntas esperava-se efetivar

“um encontro científico aberto a toda diversidade que caracteriza os estudos semióticos contemporâneos: seja por nível de trabalho (graduação e pós), por região (de Brasília, do Brasil e do mundo), por área abordada (artes, comunicação, administração e outras ciências) ou por corrente semiótica (greimasiana, peirceana, da cultura etc.)”.

O tema não poderia ter sido mais convincente: “Semiodiversidade na Universidade”. De fato, um dos temas mais instigantes da reflexão semiótica contemporânea sobretudo porque o princípio elementar dessa orientação é uma mentalidade ecológica, voltada para os processos, os procedimentos, os fluxos da semiose.

Na palestra de abertura, o semioticista Floyd Merrell da Universidade de Purdue, EUA, alertou desde o início de sua fala para os perigos que a categorização traz para a análise semiótica. De sua parte, a prática semiótica não pode ser pensada hoje senão no contexto da ética. “Signs for everybody” (Signos para todos) não é apenas o título de um livro mas um manifesto que procura mostrar para as pessoas o quão semioticizada é a atividade cotidiana do homem no mundo. Não foi à toa

que o professor Merrell conduziu um workshop na semana que antecedeu à conferência, exatamente para tratar dos signos do cotidiano.

O debate sobre artes não foi menos surpreendente. O professor Arlindo Machado (PUC-SP) apresentou, na primeira mesa-redonda “Semiótica, Imagem, Interatividade”, caminhos para a compreensão dos modos de construção das narrativas em ambientes imersivos, explorando a complexa relação entre o que ele chama de “agenciadores” e o mundo possível soerguido com a ajuda dos algoritmos das linguagens informacionais. Sua questão, contudo, está muito longe de ser tecnológica. Na verdade, sua abordagem desse tema, segundo o que foi apresentado em sua fala, se deve a uma inquietação antiga: a compreensão do processo de enunciação no cinema, cujas teorias podem ser recuperadas nesse ambiente virtual. Seguindo-lhe, as professoras-pesquisadoras do Instituto de Artes, Tânia Fraga (IdA-UnB) e Suzete Venturelli (IdA-UnB), apresentaram suas pesquisas de criação no contexto das novas mídias digitais. Os trabalhos artísticos apresentados por ambas sustentam-se em processos dinâmicos de modelização de imagens e ambientes interativos a partir do estado-da-arte das linguagens para VR (Virtual Reality). A beleza estética e consistência ético-teórica desses trabalhos pedem apenas um comentário: a necessidade de conhecê-los de perto. Por isso, Tânia Fraga ocupou o espaço de sua apresentação para inserir os participantes no interior de sua produção artística. Falou de seu projeto resultante de uma pesquisa com imagens que combina mitos, ambientes virtuais, performances de dança para traduzir, por exemplo, a viagem do sol pela aurora boreal, o adentramento na floresta amazônica, a trajetória no interior de células, fertilidade das estações.

Duas outras plenárias, sempre no formato de mesa-redonda, priorizado pela proposta coletivista da Conferência, trataram de perto a questão das artes. Em “Música e Significação” os compositores e semioticistas Anselmo Guerra (UFG), Edson Zampronha (UNESP) e Eufrazio Prates (AIEC e ICESP) puderam polemizar com a audiência sobre a difícil relação semiótica entre *representamen* e objeto no âmbito acústico-musical. Guerra e Zampronha fizeram uma crítica à aplicação de modelos lingüísticos à música, enfatizando os aspectos semióticos do fenômeno que transcendem as características da estruturação da língua. Prates, a partir dessa crítica, apresentou traços que relacionam o fazer musical do último século com as novas descobertas no campo da física, comentando a presença de conceitos modelares como a acausalidade, multidimensionalidade, ametria, holonomia, fractalidade e transracionalidade no âmbito musical. Receberam ao final um convidado especial, o compositor Conrado Silva que, ao subir à mesa citando Stockhausen, se declarou agraciado e surpreso com a qualidade dos trabalhos e dos debates entabulados em Brasília.

Na mesa “Semiótica e Estética”, dividida por Lílian França (UF Sergipe), Athos Eichler Cardoso (FAC-UnB) e Soraia Silva (IdA-UnB), foram deslindadas por caminhos muito distintos, mas convergentes, algumas intrincadas relações entre a arte, ideologia e ambiente social, seja na perspectiva contemporânea da dança ou arquitetura, seja na perspectiva popular das histórias em quadrinhos. Tanto o abolicionismo do quadrinista Angelo Agostini, no século XIX, tratado por Cardoso, quanto a dansintersemiotização do “fazer falar o que não tem palavra”, de Soraia Silva, e o negligenciamento da comunicação no espaço arquitetônico anti-interacional das Universidades, ainda medievos segundo análise semiótica de Lílian França, todos testemunharam a convergência citada.

O episódio de “Nova York 11 de Setembro” foi abordado por um grupo de pesquisa encabeçado por Sérgio Dayrell Porto (FAC-UnB e IESB). Teve por subtítulo “representações e significações midiáticas”. O eixo da abordagem foi a análise da narratividade do espetáculo a que a população mundial teve acesso pela via audiovisual. A força do episódio modulou os registros discursivos e imprimiu neles cargas diferenciadas de subjetividade que, evidentemente, exerceu um papel decisivo nas análises do grupo. De um lado, a pesquisa se direcionou para a compreensão das imagens em relação com o imaginário grotesco e a sintagmática de um espetáculo cujas dimensões éticas alteraram as rotas da percepção estética do cotidiano. Por outro, procurou-se compreender os relatos das publicações impressas como matrizes discursivas de nosso tempo. Nelas o episódio foi oferecido como mercadoria que ocupou um lugar de destaque até nas publicações periódicas de revistas que não têm o compromisso com episódios dessa natureza, caso da revista *Caras*, examinada por Josi Paz (IESB) como imprensa do coração. Para Sérgio Porto o trabalho do grupo, embora tenha mantido o compromisso de compreender os signos do episódio em sua trama midiática, pode ser contextualizado pelas orientações dos estudos culturais que entendem a virtualidade como condição da cultura contemporânea.

O tema do evento foi tratado na mesa para a qual fui convidada, intitulada “Semiodiversidade”. Aproveitei a oportunidade para reverenciar o pensamento inaugural de Antônio Risério como idealizador desse campo conceitual. Procurei, portanto, inserir o tema dentro do pensamento ecológico e de suas práticas subversivas que procuram entender, cada vez mais, a conexão entre heterogeneidades. Flor Marlene Lopes (IdA-UnB) abordou a semiodiversidade pela perspectiva artística, essencialmente “diversificada” na explosiva multiplicidade da contemporaneidade, que joga com a significação do sensível. Floyd Merrell (Purdue) preferiu questionar o termo, demasiado amplo, por transversalidades da generalidade e da particulari-

dade. Concluiu pela simultânea dificuldade e necessidade implicada por tudo aquilo que vive em processo, como a semiose, a complexidade, a mente e, citando Peirce, defendeu a transdisciplinaridade como o caminho para “liberar o signo para a vida”. Afirmou, aliás, que o Brasil é um país onde se encontra uma especial oportunidade para aprofundar tal liberação. Não deve ser outra a razão pela qual a Semiótica no Brasil tem se mostrado tão prolífica.

A mesa de encerramento, “O método e a Semiótica” foi aberta com um importante balanço de Flávio Bittencourt (UNIP e ICESP) sobre os eventos de Semiótica no Brasil, quando Décio Pignatari, Teixeira Coelho Neto e Lúcia Santaella, entre outros, iniciaram de forma por vezes muito polêmica os debates públicos na comunidade acadêmica. O filósofo baiano Fernando Bastos (UnB) trabalhou diversas aproximações entre a hermenêutica e a semiótica, demonstrando suas preocupações comuns com o processo interpretativo. Chegou a classificar como “inelutável” a ligação entre ambas, lembrando que, para transformar a realidade, o ser humano deve passar da primeiridade do incognoscível para a segundidade do esforço interpretativo e, só assim, chegar à terceiridade interpretativa. Luiz lasbeck (UnB e UPIS) descreveu a semiótica como um “campo de conversas”, daí sua extrema relevância para atender à inegável necessidade de diálogo entre a diversidade das ciências. Se toda ciência busca a verdade, que para Peirce nunca é definitiva, a semiótica para lasbeck institui vários percursos possíveis nessa busca.

As sessões de comunicação organizaram, além das pesquisas brasilienses, visitantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Roraima. Este último Estado compareceu com uma investigação sobre a questão indígena, um documentário em vídeo e uma exposição de fotos históricas da região, coordenados pelo mentor do Núcleo de Semiótica da Universidade Federal de Roraima, Maurício Zouein e por Elena Fioretti (Museu Integrado de Roraima). A diversidade semiótica, sempre característica em eventos desse campo, passou pela arquitetura (Carriconde, Bonomo), física e música (Zampronha, Prates), literatura e teatro (Cunha Ferreira), artes plásticas (Paranhos, Sanson), dança (Mendes), quadrinhos (Cardoso, Faria), cinema (Sandro Alves), novas tecnologias (Viana, de Paula, Costa Santos), religião (Andrade), sem deixar de lado diversos trabalhos sobre o próprio método semiótico (lasbeck, Brasil, Bittencourt, Guedes, Viggiano), para citar apenas alguns.

Antes do encerramento, numa rápida Assembléia da ABSB, foram registrados especiais agradecimentos ao Instituto de Artes da UnB e foi aprovada a proposta de incluir a coordenadora da Pós-graduação em Arte Contemporânea, Tania Fraga, no Conselho da Associação.

Vale notar que os comuns atrasos na agenda de eventos dessa natureza não

chegaram a afetar, em momento algum, a participação do público, que demonstrou um grau de interesse acima da média, como foi publicamente registrado nos últimos momentos da Conferência pelo Prof. Floyd Merrell. Parece um sinal de que os interessados da região permanecem ansiosos por novas oportunidades de discutir e debater a Semiótica. Considerando que o objetivo precípua da ABSB e da Conferência era o de divulgar a Semiótica em sua região, a exposição da "Transdisciplinaridade e Semiótica" obtida pela ocupação quase integral do caderno "Pensar", encarte dominical do maior jornal de Brasília, mostra que os passos dados estão na direção desejada.

IRENE MACHADO é professora do PRPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Publicou, dentre outros, *Analogia do dissimilar: Bakhtin e o formalismo russo* (São Paulo, 1989); *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin* (Rio de Janeiro, 1994); *Escola de Semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para os estudos da cultura* (São Paulo, no prelo).
irenemac@uol.com.br